

A infância e o crescimento na obra de Paula Rego

A tela no lugar do divã

Paula Rego pinta, para ser quem é. A sua pintura evoluiu como uma narrativa desde a infância até ao seu estágio de maturidade, constituindo-se o testemunho de um notável entusiasmo ato de criação. A sua obra espelha a realidade escondida de uma forma mordaz, desafiante e crua. Ilustra o genuíno, mas também o assustador da condição humana e social. O uso estratégico e subversivo da violência enquanto instrumentos de denúncia é uma constante na sua estética.

E tudo tem início, quando nos anos sessenta decidiu romper com o que até então tinha sido a sua aprendizagem e percurso, e desconstruiu numa procura de construir. Por esses tempos, Paula iniciou o período de corte e colagens e como a mesma diz, um grito de libertação aconteceu (inspirada por Artur Dubuffet, pelo estilo primitivo e infantil e também por isso instintivo, mais próximo da vida pulsional em contraponto com o figurativo), qualquer coisa, que não sendo uma mera coisa, aconteceu na vida psíquica da pintora, constituindo o ponto de partida da sua obra.

O cortar e colar implicou um primeiro movimento de rutura na tentativa de expulsar e expurgar partes dispersas, para de novo reunir, como se de uma desconstrução se tratasse, na esperança de possibilidade de uma outra qualquer coisa emergir. Eram tempos de libertação, de gritar o ódio e a dor que a amordaçavam. Como Paula Rego afirma «a minha história só poderia ser contada por uma mulher», por ela mesmo, disso não nos restam dúvidas.

O ato de criação ao longo da sua história assumiu a possibilidade de transformação, constituindo-se a tela num divã e a pintura a extensão de si mesmo; o lugar onde a mudança catastrófica acontece, a turbulência sucede e onde a subversão e invariância no sistema do produto apresentado - a obra - representam a permanente interrogação perante o ato de criar, como se lê nas entrelinhas da sua obra.

Como se imaginássemos as suas pinturas um lugar povoado pelo seu mundo intrapsíquico no qual Paula se mostra, se expõe, grita, odeia, ama, chora e transforma numa procura incessante, sempre, de liberdade. Pinta como diz, para se libertar do medo

e fazer justiça. Vingam os maltratados, os oprimidos e indefesos e em última estância vingam-se. Mas nunca satisfeitos, ora de novo em campo, numa superfície bidimensional pinta a essência das experiências emocionais que em cascata não se esgotam, projetando o resultado do seu processo de transformação, constituindo-se assim a nova versão da experiência emocional - a obra. Assim tem sido a sua história, a nosso ver, feita por tempos e ciclos onde a reflexão sobre a violência constitui o ponto de partida e pulsão da obra.

Nos anos oitenta acede a um novo ciclo. Eis se não, que em nosso pensamento, nos surge os tempos de infância; as crianças seguidamente ao período de corte e colagem, num momento mais avançado do crescimento alcançam o jogo infantil. Com e através dos animais projetam as fantasias inconscientes, medos e desejos dando lugar ao Zoomorfismo. Também na obra de Paula Rego a autora brinca e personifica as histórias do quotidiano com os animais, constituindo-se os mesmos, o ponto de partida para a expressão dos seus conflitos e emoções. Com o Devir animal a pintora encontrou o meio para transformar o que a perturba - assim como as crianças -, os jogos de poder e submissão, frustração e vingança, o conflito, a sexualidade, o amor e o ódio, sentimentos que edificam a condição da infância, navegando entre a violência, crueldade e ternura, e as fantasias proibidas como se observa na série *O Macaco Vermelho* (1981), na *Família* (1988) e na *Menina e o Cão* (1986-87). Eis se não, que a pintora, como é de conhecimento, não é discípula de Freud, mas mais parece. Até diríamos que leu Freud em os *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905), isto porque Freud escreveu os textos e Paula pinta-os.

A sua obra é impulsionada para a mesma coisa, para as invariantes do humano, o que a nosso ver, é preciso ter génio para abordar a perversão e polimorfia. Uma dupla que mostra a realidade a par e passo com o inconsciente, essa tal outra verdade, que só os mais sublimes ousam tocar, os que não têm medo de enlouquecer. Isto porque, para entrar em contacto com as partes mais loucas da condição humana é preciso estar-se lúcido, mas não enlouquecer. Paula Rego na sua obra exhibe constantemente os dois lados da face humana, fazendo questão de desenhar exaustivamente aquele outro lado negro desumano que o homem esconde e reprime, a não ser os muito marcadamente doentes. Mas esse outro lado, o tal malicioso e petrífico existe, chocante, porque em espelho na tela, é o reflexo do outro escondido.

No período dos anos oitenta, de novo uma viragem na sua obra, após a produção da série *Óperas* (1983) e das *Vivian Girls* (1984) quando perdeu a inquietude face ao

vazio e as suas telas passaram a inscrever menos figuras, num jogo de luzes e de sombras brinca e amplia, acrescenta e possibilita a expressão do seu mundo interior na pintura figurativa. As figuras ganham um aspeto mais real e autêntico em telas que se transformam em verdadeiros espaços cenográficos.

No início da sua maturidade abandonou o deslocamento dos afetos e conflitos para os animais e sem medo nomeou e denominou o humano, e com *A Mulher Cão* (1994) chegou a partes, como diz, a onde nunca tinha chegado dentro de si mesma. Como suporte da projeção emocional, amplia o movimento e expressão do corpo e rosto muito marcado na década de noventa, que se estende até ao presente. Também uma viagem num tempo e história são o que as vestes na sua obra nos permitem; a abertura de um espaço no qual existe um tempo como ponto de referência, permitindo a imaginação da narrativa por quem frui a obra.

A par e passo, na sua maturidade abriu as portas de um Universo genial e sublime com os Contos de Fadas, onde tudo cabe, sucede e advém. Transforma a tela numa narrativa, num palco de teatro íntimo e contemporâneo, num lugar onde habita a ternura e o sadismo da infância, tornando-se a sua obra um desafio sem limites. Ora usa o sarcasmo e a ironia como escárnio e desprezo das morais erigidas em nome da defesa da sua dor, ora nos presenteia com narrativas mais repousantes, onde a dispersão e a integração encontram lugar na união, reparação e restauro, envolvendo-se numa tranquilidade mais depressiva, onde a culpa e a aniquilação vão sendo deixadas para trás. Movimentos entre a rutura, ligação, violência e amor que nos leva até à *Consagração da Primavera* de Pina Baush.

No seu longo percurso artístico quase chega a desafiar os próprios limites da cultura ocidental iconográfica. Acrescente-se que em *O Crime do Padre Amaro* (1997-98), na série *O Aborto* (1997) e na *Virgem Maria* (1999) a pintora desafiou de forma audaciosa, ousada e corajosa toda uma cultura judaico-cristã, invertendo a iconografia da arte sacra inscrita desde o século III. Pinta a *Virgem Maria* «terrena», desconstrói no sentido da obra aberta as inúmeras possibilidades imagéticas que a obra suscita e abre-se na incompletude e despertares de consciência que conduzem a lugares indizíveis, múltiplos e singulares. Eis se não, que a pintura de Paula Rego não será o desafio de um encontro com a verdade?

Como a pintora consigna quando se refere à obra da *Virgem Maria*: «Claro que tive medo. Mas também é por isso que é interessante, porque é a história mais feita desde sempre, não é?» (Rego cit. por Gomes, 2003, pp. 38-39). E quanto a nós, se não

tivesse medo, seria de estranhar. Ocorre-nos Freud em o *Mal-Estar na Civilização* (1930[1929]) e passamos a citar quando refere que:

A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõem igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e de protecção contra o sofrimento. A sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante - maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência. A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual.¹

Neste caso, a pintora ousou, reformar o quadro do mundo real ao invés de deformar. Com a sua arte, protesta, grita, clama e acusa a injustiça, a opressão e o terror nas relações sociais, políticas, eclesiásticas e familiares, como se observa na *Misericórdia* (2001) e em tantas outras obras. Reclama os jogos de poder e de perversão, denuncia a realidade existente; eleva-se e rompe os ícones da arte ocidental subvertendo as ordens instituídas, desafiando mordazmente as morais edificadas, ocupando o desafio, o lugar da revolução e o grito de liberdade. Com a pintura Paula Rego dá e verbaliza voz ao medo, mostrando ao mundo aquilo que o homem se nega a ver. É livre na criação de poder eleger, preferir, exclamar, exprimir, revelar, pensar e comunicar a sua intencionalidade com os desenhos e pinturas, que emergem das entranhas e que as suas mãos dão forma, enquanto extensão de si mesma.

É uma arte revolucionária com uma imagem de libertação pessoal, sociológica, psicológica, política e profundamente feminina. Contêm uma dimensão singular de verdade, protesto e esperança que reside na sua forma estética. O grito pela luta e o direito em ser mulher são visíveis desde a série *O Aborto* (1997-99), passando pela *Mulher Cão* (1994) ou à homenagem às Santas que foram sacrificadas, como pinta na grandiosa e sublime obra *O Jardim de Crivelli* (1990-91). Paula Rego glorifica aquelas mulheres que sempre sofreram, mas nunca baixaram os braços. Assim como *As Vivian Giros* (1984) e *As Avestruzes Dançarinas* (1995), que honram a mulher, sendo esta última obra, segundo a pintora, uma homenagem aos limites da idade, e refere:

¹ Pág. 92

*(...) São velhas combatentes. Não voam como o Cisne do Ballet, mas ficam de pé como a estátua do guerreiro Gaulês em Roma. Uma parte do seu arrojo e robustez é o modo como assumem os seus sentimentos (...) Não poderiam ser feitas se eu não tivesse a idade que tenho. Uma mulher mais nova não sabia o que isso é: desejar coisas que não são passado, porque se encontram dentro de nós, mas que já são inacessíveis (...)*²

Paula Rego faz uso do ato criativo para dar voz ao medo, como afirma, e libertar os medos na criação de cada obra, lugar onde verdadeiramente se sente e encontra. O seu processo de criação é um contínuo entre a ligação e a transformação das representações, a transformação da representação da coisa em representação da palavra, ocupando o lugar da linguagem plástica, a palavra, no qual reside uma complexidade infinita de representações e afetos. Em Paula Rego o desenho assume, assim, a representação da palavra, e, a nosso ver, a artista aproxima-se da «verdade última» pela procura de ser quem é, encontrando-se na liberdade de poder ser.

O ato criativo em Paula Rego ocupa o lugar em que a pintora transforma a violência percebida e vivida e os seus medos. À medida que cada obra cresce e toma um sentido, a pintora vai perdendo o medo, isto é, a criação constitui-se enquanto narrativa e a tela torna-se o lugar de um «continente» transformativo face a uma ameaça interna. Como enuncia:

*(...) É isso que me interessa, mostrar as coisas que as pessoas têm de fazer às escondidas porque não têm coragem de o fazer de outro modo, têm medo de falar, deixam até de pensar o que realmente pensam! São humilhadas, maltratadas.... Interessa-me representar a violência! (...) Essa parte negra, que a gente mantém escondida, interessa-me muito.*³

A criação, como a própria palavra indica, é o ato de mudança, transformação e destruição de antigas combinações e novas possibilidades mentais, o ato de recriar. A função psíquica que permite a realização dos fenómenos mentais sem perigo de catástrofe é a função continente, de que há pouco falávamos, que possibilita a capacidade de tolerar, pensar e transformar. A oscilação entre os fragmentos e o todo,

² Rego in por McEwen, 1998 p. 269.

³ Paula Rego em entrevista com Ana Gabriela Macedo a 18 de Fevereiro de 1999, publicada em *Paula Rego e o Poder da Visão*, 2010, pp. 32-33.

bem como a tolerância à desintegração psíquica, nunca perdendo o contacto com a realidade interna e externa, é marcadamente categórico no percurso da obra da pintora.

E assim foi caminhando até à sua maturidade. Desde então a tela assume o espaço de um objeto total – de dispersão e integração entre o caos do processo primário e a elaboração do secundário - onde cria extraordinárias peças de teatro, com vários personagens em cena que se fazem ouvir no imaginário de cada um de nós, pela multiplicidade de diálogos e olhares, como expressão do seu mundo, lugar onde tudo pode ser vivido, espaço de liberdade; lugar de explosão, transformação e metamorfose, lugar onde a linguagem plástica comunica a sua intencionalidade e se faz ouvir, através da mudança catastrófica que a sua própria mente realiza.

Pois se não, uma produção incessante que habita um universo imaginário que não se esgota, numa procura perseverante do amor à verdade; uma mente em constante expansão no sentido bioniano, que conta a sua história e outras histórias, e que, não sendo suas, serão partes de si mesma.

Na conceção de Alfred Bion (1965) todo e qualquer pensamento é uma metáfora transformada de uma metáfora pré-existente. Pensar é um universo em expansão constituído por uma cadeia simbólica na qual os símbolos se ligam a outros símbolos, processo semelhante ao artista que cria a partir da recriação e da transformação do real. O ciclo de transformação tem início na coisa em si, no real, constituindo-se representante do incognoscível. Como se observa na obra de Paula Rego, uma mente em constante *alfa-dream-work*, que cria elos associativos, que estruturam a própria condição de pensar, permitindo extensões para novos pensamentos e criação. Sendo a mente um universo em expansão, é a sua própria mente que cria este *alfa-dream-work* pois carregada de elementos muito sensorializados carece de transformação. Estes estímulos exteriores residem na mente e imaginação de Paula e incitam uma saída enquanto resposta, produzindo uma narrativa pessoal pela representação da palavra ou da imagem, uma atividade mental que ocorre e sucede entre significantes e significados.

Como Paula Rego verbaliza: «Uma notícia no jornal, uma cena na rua, uma recordação – eis que me sinto capaz de executar um quadro», nomeia o desejo de criação aquando dos estímulos internos e/ou externos, numa necessidade vital de traduzir e de retirar energia aos elementos que advêm da percepção, através de uma função pensante, em elementos suscetíveis de criarem narrativas, transformando e dando um novo significado à experiência emocional. Paula opera sobre o material exercendo uma violência sobre o mesmo, reconhecendo-se assim o ponto de partida da

obra, como diz: «A pessoa zangar-se e a pessoa ter raiva faz parte de ser pessoa. Não pode sair por outro lado, sai pelos quadros».⁴

Experiência emocional que Alberto de Lacerda no poema em prosa intitulado Paula Rego, acolheu e escreveu:

*A tua revolta deita-se na cama. Não para desistir. Mas para amar. Depois levanta-te. E és um canto-erecto, decidido, áspero. E com ternura misteriosíssima. Possessa do terror de que falava Blake, da entrega de Henry Miller, e do sem – suporte de Mário de Sá-Carneiro-Começas a pintar.*⁵

Segundo um de nós, o que a Psicanálise e a Arte têm em comum é a pesquisa da relação da dimensão do homem quer com o mundo real, quer consigo próprio, o problema do vivido subjetivo e intra-subjetivo. A arte é sempre uma experiência subjetiva, em que cada criador atribui à sua obra a extensão do seu Eu. A nosso ver, a obra de Paula Rego evolui no sentido da unidade e ligação, como se de um trabalho terapêutico se tratasse.

Paula Rego vai avançando para uma obra mais narrativa, caminha para o sonho, para o encontro com a verdade. Articulamos a infância, o crescimento, a transformação e evolução da sua obra com a psicanálise: como se a pintura ocupasse o lugar do *divã*, de um processo psicanalítico, bem como onírico. Tal acontece, porque é uma arte que se explica a si própria e na qual as fontes de onde parte são acessíveis. Paula Rego põe o seu pré-consciente a trabalhar em cima da sua própria história, o que constitui o seu vivido e a génese da sua arte.

Deixando a prisão invisível deu luz à verdade escondida, à sua infância; ao mundo dos afetos, mas também da opressão infantil, do medo, da vergonha e da culpa. Como se a sua obra fosse um sonho, regressa a si, ao seu escuro e à sua solidão, e através da ligação e da metamorfose das emoções cria obra. No lugar do escamoteamento da sua solidão e da frustração infantil dá-se a criação.

Paula Rego ora nos embala, ora nos acorda com as suas pinturas repletas de entusiasmo, sensibilidade e encontro, de exaltação e acalmia, fascínio, demónios, fantasmas e angústias, transcendência, espanto, desassossego e veneração. Uma experiência estética que amplia e enriquece a vida emocional. Um encontro estético que

⁴ Paula Rego em entrevista com Anabela Mota Ribeiro, a 1 de fevereiro de 2003, in *Jornal Diário de Notícias*, página 8.

⁵ Lacerda, 1965.

anuncia, no sentido aristotélico, a admiração, a paixão, a curiosidade, o espanto e a descoberta que dá vida à obra de arte – o *thaumazein*. Um encontro com o belo para quem se deixa encontrar.

Paula Rego é inquietante no seu olhar, cria paixões e ódios, atravessa histórias com estórias. Em *A Dança* (1988), projeta o azul do céu, a luz que reflete o continente, o brilho do luar, o par, a criança e a harmonia, no movimento e no ritmo, na noite que encanta, aquece e recolhe; na *Mulher Cão* (1994), a firmeza, robustez e arrojo da sobrevivência, a inigualável experiência de *Eros* vencer *Tanathos*, a força mordaz e felina com que tão bem Paula presenteia as mulheres.

O empenho da sua arte em *Eros*, a afirmação profunda dos instintos de vida na sua luta contra a opressão instintiva e social é manifesta na sua forma estética que se constitui reveladora de realidades interditas e reprimidas e em desejo de emancipação; numa obra profundamente feminina, mordaz e desafiante, na qual vinga as morais subvertendo as ordens instituídas. Uma pintura que se despe do bonito e por isso bela porque integra o feio, constituindo-se este, a verdade, a tal parte negra escondida de que a pintora fala.

Paula Rego deixará na história o seu cunho, sobreviverá no tempo para além da morte, porque cria a partir das suas origens, porque faz e fez história, inscrevendo a sua obra, o lugar da criação e da imortalidade. Deixa-nos um sem fim de verdade, presenteia-nos com a consciência da sua imagética, com imagens e histórias para que possamos refletir quanto à condição humana e, enquanto pintora, será uma ativista. Não se limita apenas a criar, mas fala alto, clama e grita na sua produção contínua e incessante, revelando-se sem medo na tela, lugar imperativo onde encontra a sua verdadeira Existência.

A partir de si, da sua história, estende-se ao mundo, constituindo a sua obra um testemunho de partes da memória coletiva da humanidade com todas as narrativas que nos conta. Deixa-nos a reflexão e o devir e, a partir da verdade, abre caminhos para novos criadores, com a sua exímia mestria. A sua obra é bela, total e inteira, porque nasce do conflito entre o feio e o belo, partes essenciais da experiência estética.

Uma pintura com um caráter de urgência, em que o fazer está para além da ideia, na qual a tela é utilizada para pôr em relação a própria violência, em que o ato criativo nunca se esgota, porque existe sempre uma parte que não pode ser elaborada até ao fim, tal como na interrogação, por isso a sua criação é uma constante interrogação, irredutível permitindo a condição perene da acção e criação enquanto ser pensante,

porque o fim não se encerra em si mesmo, ao invés, é um início. Paula Rego a caminho constrói caminhos, e por diante arranha a verdade inconsciente e transforma com os três vínculos; de conhecimento, amor e ódio a sua experiência emocional no ato criativo, na procura de si; no sentido Bioniano : «Sé quem és». Na luta entre *Eros* e *Thanatos*, entre o instinto de vida e de destruição, elevando-se *Eros* pelo seu trabalho de ligação, continuação, evolução e amor.

A obra de arte conseguida perpetua a memória do momento de prazer. E a obra de arte é bela na medida em que opõe a sua própria ordem à realidade – a sua ordem não repressiva, onde a própria maldição é proferida em nome de Eros. Aparece nos breves momentos de realização, de tranquilidade – no belo “momento” que suspende a dinâmica incessante e a desordem, a necessidade constante de fazer tudo o que deve ser feito para se continuar a viver.

O belo pertence às imagens de libertação (...)⁶

⁶ Marcuse, *Dimensão Estética*, 1977/2007, pág. 61.

Referências Bibliográficas

- Alves, Armando (Grafismo) (2001). *O Crime do Padre Amaro*. Companhia das Letras.
- Amaral Dias, C. & Monteiro, J. S. (1989). *Eu já posso imaginar que faço*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Amaral Dias, C., Rezende, A. M., & Zimmerman, D.E. (1998). *Bion hoje*. Lisboa: Fim de Século.
- Amaral Dias, C. (2000a). *Falas públicas do Inconsciente*. Coimbra: Quarteto.
- Amaral Dias, C. (2000b). *Volto Já - Ensaios sobre o real*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- Bessa-Luís, A. (2008). *As meninas*. Lisboa: Guerra e Paz, Editores S.A.
- Bion, W. (1965/1982). *Transformations - Passage de l'apprentissage à la croissance*. Paris: Presses Universitaires de France
- Bradley, F. (2003). *Paula Rego*. Lisboa: Quetzal
- Bradley, F., Willing, V., Rosengarten, R. & Collins, J. (1997). *Paula Rego (catálogo)*, Lisboa: Centro Cultural de Belém - Fundação das descobertas.
- Capucho, T. (2001). *Paula Rego: o desenho como ponto de referência: o desenho como factor de mudança*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Belas Artes de Lisboa, Lisboa).
- Delgado, L. (2012). *Psicanálise e criatividade: estudo psicodinâmico dos processos criativos artísticos*. Lisboa: Edições Ispa.
- Eco, U. (2011). *A definição da arte*. Lisboa: Edições 70.
- Fernandes, J., Rosengarten, R., Livingston, M. (2004). *Paula Rego*. (catálogo) Porto: Fundação de Serralves.
- Freud, S (1905/1969). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: Volume VII*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Freud, S. (1930 [1929]/1969). *O Futuro de uma Ilusão – o Mal-estar na civilização e outros trabalhos: Volume XXI*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Fuller, P. (1980/1983). *Arte e Psicanálise*. Lisboa: Dom Quixote.

Gomes, K. (8 de fevereiro de 2003). Paula Rego: A virgem pintada por uma Mulher. *Público*, pp. 38-39.

Guimarães, J. (1992) José de Guimarães, Júlio Pomar e Paula Rego. (catálogo) Porto: Galeria Quadrado Azul.

Lacerda, A. (1965). Fragmento de um poema intitulado Paula Rego, catálogo da exposição Paula Rego, Lisboa: Sociedade Nacional de Belas Artes.

Livingstone, M. (2009). Uma filosofia de vida: temas da obra de Paula Rego. In *Casa das Histórias Paula Rego: Coleção* (pp. 12-27). Cascais: Casa das Histórias Paula Rego.

Macedo, A. G. (2010). *Paula Rego e o Poder da Visão. "A minha pintura é como história interior"*. Lisboa: Cotovia.

Marcuse, H. (1977/2007). *A dimensão estética*. Lisboa: Edições 70.

McEwen, J. (1998). *Paula Rego*. Lisboa: Quetzal Editores.

McEwen, J. (2008). *Paula Rego Behind the Scenes*. Londres: Phaidon Press Limited.

Nolasco, A. (2004). O grotesco na obra de Paula Rego, In *Compreender Paula Rego - 25 Perspectivas, Coleção de Arte Contemporânea*, Público Serralves, 2, 2005, pp. 144-148.

Pinto de Almeida, B. (1990). *Paula Rego*. (catálogo) Lisboa: Galeria 111.

Pinto de Almeida, B. (2005). *Paula Rego e a Comédia Humana*. Lisboa: Caminho.

Pinheiro, P. *Entrevista a Paula Rego a 20 de Setembro de 2009*, ao programa Câmara Clara, RTP2. Lisboa: Manchete

Queiros, E. de (Autor); Rego, Paula (Ilustradora); Lima, Isabel Pires de (Prefácio);

- Alves, Armando (Grafismo) (2001). *O Crime do Padre Amaro*. Companhia das Letras.
- Queiroz, E. (1880/2008). *O Crime do Padre Amaro*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Rego, P. (2001). *Rimas de berço*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- Rego, P. (1999). *O Crime do Padre Amaro* (catálogo) Centro de Arte Moderna - Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 18 de maio a 29 de agosto de 1999.
- Rego, P. (1988). Paula Rego (catálogo) Lisboa: Centro de arte moderna - Fundação Calouste Gulbenkian, maio-junho 1988.
- Ribeiro, A. M. (1 de fevereiro de 2003). Paula Rego. *Diário de Notícias* , pp. 8-14.
- Rosengarten, R. (2004). *Compreender Paula Rego, 25 Perspetivas*. Porto: Fundação de Serralves, Público.
- Rosengarten, R. (2009). *Contrariar, esmagar, amar - a família e o Estado Novo na obra de Paula Rego*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Rosengarten, R. (1999). *Paula Rego e o Crime do Padre Amaro*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Rosenthal, T. (2003). *Paula Rego: obra gráfica completa*. Lisboa: Cavalo de Ferro Editores, Lda.
- Sousa, R. d. (5 de março de 2003). Paula Rego: o profano e o sagrado. *Jornal de Letras* , pp. 30-32.
- Vasconcelos, H. (2004). Paula Rego em Serralves. *Revista Elle* , 132-135.
- Vitória, A. (10 de novembro, de 2003). *Entrevista Paula Rego*. *Jornal de Notícias*, p. 4.
- Wiggins, C. (1991). *Tales from the National Gallery*. London: National Gallery.
- Zimmler, R. (1 de abril de 2003). Paula Rego - A Outra Face de Maria. *Grande Reportagem* , pp. 57-63.